



FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**ESTUDOS SOBRE O “FUTEBOL DE VÁRZEA”:
BREVES REFLEXÕES A PARTIR DO CASO DE CAMPINAS**

CLÁUDIO CAETANO ARANTES

CAMPINAS / 2003



FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**ESTUDOS SOBRE O “FUTEBOL DE VÁRZEA”:
BREVES REFLEXÕES A PARTIR DO CASO DE CAMPINAS**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Bacharelado em Treinamento em Esportes da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo César Montagner.

CLÁUDIO CAETANO ARANTES

CAMPINAS / 2003

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Dr. Paulo César Montagner
(Orientador)**

Prof. Dr. Jocimar Daolio

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais, que me deram a força necessária nas horas de dificuldades e o abraço amigo nos momentos de vitória.

Agradecimentos

Agradeço a DEUS acima de tudo, por ter me dado esta vida maravilhosa que tenho.

Agradeço ao meu pai, meu melhor amigo, responsável direto pela minha paixão ao futebol.

Agradeço a minha mãe, por me mostrar o certo e o errado e, principalmente, o caminho da salvação em Jesus Cristo.

Agradeço a minha noiva Carol, pois além de ser a razão do meu viver, sem ela haveria um vazio imenso em minha vida.

Agradeço aos meus irmãos Evandro e Helton, que me emprestam roupas nos momentos que mais necessito e, com certeza, moram no meu coração.

Agradeço ao Jura, a Sueli, a Camila e a Laila (minha segunda família), por me acolherem tão bem em seu lar.

Agradeço aos meus avós, tios e primos, principalmente ao tio Vado, que tanto me incentivou a entrar na Unicamp.

Agradeço a Gabi e a Cherry, minhas caçadoras prediletas.

Agradeço ao Binho, meu amigo do peito, a quem prometo devolver a barraca o mais breve possível.

Agradeço aos funcionários da Liga Campineira de Futebol, especialmente ao Rodrigo, Luis e Dr. Wallance, que me forneceram os dados necessários a elaboração deste trabalho.

Agradeço ao Ari Izac, da Linfurc, por além de fornecer os dados para o trabalho, sempre se mostrou prestativo e disposto a ajudar-me.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Paulo Cesar Montagner, ou simplesmente Cesinha, por ter tido a paciência e a competência necessária para me ajudar neste trabalho, mostrando ser, além de tudo, um grande amigo.

Agradeço aos professores Jocimar, Marcy e Mariângela, por estarem presentes neste momento tão importante de minha vida.

Agradeço ao amigo Sérgio Settani Giglio, autor de uma das obras-primas da literatura futebolística nacional.

Agradeço aos amigos da ACEC, entre eles, Zeitune, Adriano, Fernando e Fabinho, por se mostrarem amigos de verdade em quem eu sempre poderei contar.

Agradeço aos meus amigos de turma, todos sem exceção, a quem prefiro não citar um a um para não cometer a injustiça de esquecer de algum.

Agradeço aos amigos do Torpedão (Luquinha, Adriano, Explosão, Ponte, Zeitune, Beto, Catanho, Neco, Serginho, Fernando, Uhle, Bodão, Marinho, Rodrigo, Leitão, Leandrino, Fabinho, Malinha, Gabriel, Fer, Vêi, Batavo, Rafael, Régis, Miúdo, Thiagão, Clone, Zambelli, Max, Chan, Zé e Marcelo), por terem ajudado a formar esta maravilhosa equipe que, por onde passa, mostra toda a beleza do verdadeiro futebol-arte.

SUMÁRIO

| | |
|--|------|
| LISTA DE FIGURAS | ix |
| LISTA DE TABELAS | x |
| LISTA DE GRÁFICOS | xi |
| RESUMO | xii |
| ABSTRACT | xiii |
| INTRODUÇÃO | 1 |
| OBJETIVO | 2 |
| JUSTIFICATIVA | 2 |
| METODOLOGIA | 4 |
| | |
| CAPÍTULO 1 - UM POUCO DA TRAJETÓRIA FUTEBOL | 5 |
| <hr/> | |
| As Origens do Futebol | 5 |
| O Futebol Moderno | 6 |
| A Profissionalização Britânica | 7 |
| A Profissionalização do Futebol pelo Mundo | 9 |
| O Futebol Hoje: Reflexões Introdutórias | 10 |
| A Chegada ao Brasil | 11 |
| | |
| CAPÍTULO 2 – O FENÔMENO FUTEBOL NA SOCIEDADE BRASILEIRA | 14 |
| <hr/> | |
| A Origem Elitista | 14 |
| A Popularização do Futebol | 15 |
| O Jogo do Povo | 17 |

CAPÍTULO 3 - O FUTEBOL NO BRASIL: da Cultura Elitista aos Campos de Várzea 19

| | |
|--|----|
| “Futebol de Várzea”: Definições | 19 |
| As Origens do “Futebol de Várzea” e a Criação de um Estilo | 19 |
| O “Futebol de Várzea” Hoje | 21 |
| “Futebol de Várzea” e Violência | 22 |

CAPÍTULO 4 - A VÁRZEA E O AMADORISMO EM CAMPINAS 24

| | |
|--|----|
| Futebol em Campinas | 24 |
| A Febre Amarela | 24 |
| O Futebol Começa a se Organizar | 25 |
| As Ligas Amadoras em Campinas | 27 |
| Breve Histórico das Ligas | 28 |
| A Liga Campineira de Futebol (LCF) | 28 |
| Os Campeões Amadores de Campinas | 29 |
| Alguns Números Atuais | 30 |
| A Liga Independente de Futebol da Região de Campinas (LINFURC) | 34 |

| | |
|--------------------------------------|----|
| REFLEXÕES PERTINENTES AO TEMA | 35 |
|--------------------------------------|----|

| | |
|-----------------------------------|----|
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 37 |
|-----------------------------------|----|

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----------|
| Figura 1 – Mapa da cidade de Campinas com a atuação das Ligas de Futebol Amador | 27 |
|--|-----------|

LISTA DE TABELAS**Tabela 1 - Campeões Amadores da Liga Campineira de Futebol**

29

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 1 - Número de Campeonatos (Liga Campineira de Futebol) | 31 |
| Gráfico 2 – Número de equipes participantes (Liga Campineira de Futebol) | 31 |
| Gráfico 3 – Número de atletas participantes (Liga Campineira de Futebol) | 31 |
| Gráfico 4 – Número de equipes (categorias menores - primeiros semestres) | 32 |
| Gráfico 5 – Número de equipes (categorias menores - segundos semestres) | 33 |
| Gráfico 6 – Número de equipes (categoria amadora - 1ª e 2ª divisões) | 33 |

RESUMO

O objetivo da monografia foi realizar uma breve reflexão sobre o desenvolvimento do “futebol de várzea” na cidade de Campinas, buscando entender, a partir do fenômeno futebol na cultura da sociedade brasileira, sua manifestação e organização nos bairros que ainda mantém viva esta prática. Para o estudo, escolheu-se a cidade de Campinas por se tratar de um dos maiores centros econômicos do país e que ainda mantém um papel importantíssimo no cenário futebolístico nacional, contando com dois clubes de muita tradição, Guarani e Ponte Preta, e que, aos finais de semana, é tomada por milhares de anônimos, tanto praticantes, como simples espectadores desta modalidade. No estudo, num primeiro momento, foi contada um pouco da trajetória do futebol, desde sua criação até o surgimento como esporte na sociedade moderna. Após isso, identificou-se o futebol na cultura popular brasileira, da sua origem elitista à recriação nos campinhos de várzea. Culminando com seu desenvolvimento e formas de organização nas duas principais Ligas Amadoras da cidade, a Liga Campineira de Futebol e a Liga Independente de Futebol da Região de Campinas, em que pudemos perceber, através de pesquisas, a grande influência na sociedade campineira que este modelo exerceu e ainda exerce nos dias atuais e a grandeza de todo este espetáculo.

Palavras Chave: futebol de várzea, Campinas, cultura brasileira, Ligas.

ABSTRACT

The objective of the monograph was to carry through one brief reflection on the development of “fertile valley soccer” in the city of Campinas, searching to understand, from the phenomenon soccer in the culture of the Brazilian society, its manifestation and organization in the quarters that still alive this practical keeps. For the study, it was chosen city of Campinas for if dealing with one of the biggest economic centers of the country and that still very important in the national football scene keeps a paper, counting on two clubs of much tradition, Guarani and Ponte Preta, and that, to the week ends, it is taken by thousand of anonymous, in such a way practicing, as simple spectators of this modality. In the study, at a first moment, it was counted a little of the trajectory of the soccer, since its creation until the sprouting as sport in the modern society. After this, identified the soccer in the Brazilian popular culture, of its elitist origin to the re-creaton in the small fields of fertile valley. Culminating with its development and forms of organization in the two main Amateur Leagues of the city, Campineira Soccer League and Campinas Region Soccer Independent League, where we could perceive, through research, the great influence in the society of Campinas that this model still exerted and all exerts in the current days and the largeness of this spectacle.

Words Key: fertile valley soccer, Campinas, Brazilian culture, Leagues.

INTRODUÇÃO

O futebol é o esporte mais praticado no mundo. Um esporte que, para o povo brasileiro, chega a ser confundido com brincadeira. Isso ocorre porque ele nasce como brinquedo, como um jogo, o jogo de futebol. Este jogo implica, além de sorte, uma boa dose de malícia. Malícia que o brasileiro tem de sobra e que exporta aos montes a outros povos, deixando o futebol de lá tão bonito de se ver como o de cá.

O futebol no Brasil vai além de ser um simples fenômeno esportivo. Todos os anseios, as angústias e as transformações que ocorrem na sociedade refletem diretamente nas quatro linhas. Porém, o que porventura aconteça dentro de campo também é um significativo termômetro do que acontecerá naquela semana. Se o seu time de coração teve uma excelente vitória no final de semana, com certeza você começará a semana de um modo diferente. Isso, é claro, não implicará a hipótese de que sempre que houver uma vitória a vida melhor será. Daolio (2003), ao estudar o fenômeno futebol na cultura brasileira, reflete bem sobre este aspecto:

... O futebol seria, ao mesmo tempo, um modelo da sociedade brasileira e um exemplo para ela se apresentar. Em outras palavras, o futebol constituir-se-ia, por um lado, numa imagem da sociedade brasileira e, por outro, num exemplo que daria a ela um modelo para se expressar (p. 210).

É inegável a importância do futebol na vida dos brasileiros, no dia-a-dia, nas rodas de conversa. É só pararmos para pensar quantas horas são dedicadas ao futebol em noticiários de televisão e rádio, quantas páginas são reservadas em jornais, quantos filmes já foram produzidos tendo o futebol como tema, quantas músicas têm o futebol como inspiração, quantas expressões utilizadas no dia-a-dia que se referem a termos futebolísticos, e podemos ter uma noção da grandeza deste jogo para a sociedade brasileira (DAOLIO, 2003).

Como citado anteriormente, o futebol brasileiro confunde-se com um jogo. Este jogo, muitas vezes, é realizado em ruas, praças, terrenos baldios, campos gramados ou não, e, na maioria das vezes, não obedece às regras normalmente vistas cotidianamente. Cada local possui

suas próprias regras, seus próprios jogos. É evidente que todos baseados no futebol assistido nos estádios ou através dos televisores.

O Brasil se caracteriza, (...), pelos jogadores mais acrobáticos do mundo, capazes até de esquecer que o objetivo do jogo é marcar gols, convictos de que a virtude sem alegria é uma contradição, individualistas, porém dispostos aos ajustes práticos necessários a um desempenho eficiente (MILAN, 1998: 19).

Um desses locais em que ocorrem esses tais jogos de bola é o campo de várzea. No futebol de várzea, a dificuldade de realizar passes ou mesmo de jogar coletivamente favoreceu a criação de um estilo de jogo que hoje caracteriza o futebol brasileiro. Para o brasileiro, a várzea é considerada um celeiro de craques incessante. Quase todos os craques do passado tiveram em suas vidas um campinho de várzea em que deram seus primeiros chutes em uma bola. O futebol de várzea, desse modo, pode ser descrito, a princípio neste estudo, como um “jogo de futebol” realizado em campo de terra batida ou mesmo gramado, no qual os jogadores não recebem qualquer quantia (ou quantias irrisórias, em alguns casos) para praticá-lo, podendo, assim, quando organizado na forma de campeonatos, ser chamado também de futebol amador.

OBJETIVO

Este estudo propõe uma reflexão sobre o desenvolvimento do “futebol de várzea” na cidade de Campinas, buscando entender, a partir do fenômeno futebol na cultura da sociedade brasileira, sua manifestação e organização.

JUSTIFICATIVA

O futebol, hoje em dia, é mais aprendido do que propriamente desenvolvido. Com o grande crescimento das cidades, os antigos campos de várzea foram, aos poucos, extinguindo-se, dando lugar à casas, prédios e indústrias. Hoje o futebol transformou-se em algo rentável, que

desperta interesses por parte de grandes empresas e faz girar bilhões de dólares, por ano, no mundo. Campinas entra neste contexto por também fazer parte desta história. Uma cidade que, segundo Zago (2002) chegou, nos anos 70, a ser considerada a “*capital do futebol*”.

A melhor fase vivida pelo futebol campineiro foi sem dúvida as décadas de 70 e 80, mais precisamente o período de 1976 a 1986. Ponte Preta e Guarani, nos últimos anos da década de 70, estavam entre as melhores equipes do país. Para muitos jornalistas da época, eram os melhores times do país, e a cidade de Campinas reunia os melhores jogadores do Brasil (p. 126).

Hoje Campinas possui aproximadamente um milhão de habitantes (mais precisamente 969.396, de acordo com o Censo Demográfico 2000 do IBGE). É uma cidade que se encontra entre as maiores economias do Brasil e que ainda possui também um valoroso reconhecimento no cenário futebolístico nacional. Conta, além de Guarani e Ponte Preta, com mais uma equipe profissional, o Campinas Futebol Clube, e que exporta atletas, tanto para outros grandes centros, quanto para outros países. Alguns atletas, inclusive, saem diretamente dos campos de várzea da cidade, sem passar sequer por essas equipes profissionais.

Muitos jogadores de futebol, porém, profissionais, ex-profissionais e amadores, passam despercebidos todos os dias diante de nossos olhos sem que os reconheçamos. Alguns desses podem ser encontrados aos sábados e domingos nos mais diversos cantos da cidade, em campos espalhados pela periferia, disputando campeonatos ou apenas participando de jogos de futebol. Estes “atletas” de final de semana constituem uma parcela significativa dos praticantes dessa modalidade aqui na cidade de Campinas, indo desde categorias menores até veteranos do super máster. Dados levantados junto às Ligas de Futebol Amador da cidade estimam que, dentre as equipes participantes destes Campeonatos, tenhamos em Campinas um número em torno de dez mil praticantes somente nesse modelo de futebol, o futebol amador. Sem contar com alguns milhares de espectadores que prestigiam estes espetáculos. Por esses motivos, o presente estudo pretende retratar esse universo de jogadores, mostrando as origens desse esporte que apaixona a todos, o fenômeno futebol na sociedade brasileira, o seu desenvolvimento, a manifestação e organização desses campeonatos, chegando a uma análise do quadro atual em que se encontra no ambiente do “futebol de várzea”.

METODOLOGIA

Monografia deve ser um trabalho em que, em essência, seja estruturado e delimitado em torno de um único tema. Para isso, este estudo pode ser caracterizado como uma monografia de análise teórica, evidenciando uma simples organização coerente de idéias, originadas de bibliografia de autores consagrados que escrevam sobre o tema (TACHIZAWA e MENDES, 2003).

Este estudo irá refletir sobre o tema proposto, embasando suas teorias em: uma revisão bibliográfica identificando o fenômeno futebol na sociedade brasileira, sua trajetória e desenvolvimento; um levantamento histórico, através de livros, das origens do futebol de várzea na cidade de Campinas; pesquisas junto às Ligas de Futebol Amador (Liga Campineira de Futebol e Liga Independente de Futebol da Região de Campinas) existentes na cidade, visando analisar os números atuais e identificar o sistema de organização dos Campeonatos.

UM POUCO DA TRAJETÓRIA DO FUTEBOL

As Origens do Futebol

A forma registrada mais antiga de jogar futebol é o Tsu-Chu (golpe na bola com o pé), praticado na China, 25 séculos a.C. por soldados do imperador Xeng-Ti. A bola era recheada com crinas de cavalo ou vegetal resistente e envolvida com bexiga ou pele de animal e podia ser conduzida com os pés até estacas de bambu fixadas no chão e unidas por um fio de seda. O jogo constituía-se de oito jogadores de cada lado, jogado em um campo quadrado de 19 metros. Uma variante do Tsu-Chu, que também pode ser considerado um jogo precursor do futebol, foi o chamado “Kemari”, praticado no Japão pela realeza, consistia em um jogo praticado com os pés em que a bola não podia tocar o chão e os objetivos do jogo não eram marcar gols ou pontos e sim controlar a bola. Uma diferença fundamental entre esses dois jogos é que o primeiro, como era praticado exclusivamente por soldados, era utilizado como preparação militar. Já o segundo jogo, praticado pela realeza, era utilizado como pura forma de lazer, em que ocorriam inúmeras paralisações para confraternizações dos jogadores durante a partida (PIMENTA, 1997).

Outra origem possível para o futebol poderia vir da Grécia antiga através de um jogo semelhante ao futebol chamado Epyskiros que, tempos depois, foi adaptado e rebatizado pelos romanos do tempo de César pelo nome de Harpastum. Neste ponto é importante salientar que, como foram os romanos que dominaram a Bretanha, podem estes ter introduzido o jogo na Inglaterra, que é considerada o berço do futebol moderno.

Para Pimenta (1997), na Inglaterra da Idade Média havia freqüentes festivais religiosos, mais precisamente nas terças-feiras de carnaval, em que ocorriam “jogos de bola”. Esses jogos eram muito populares e parecidos com o esporte moderno. Consistiam em conduzir a bola até o edifício central do povoado rival, contando cada equipe com aproximadamente quinhentos participantes, dentre eles crianças, jovens e adultos. Porém o que marcava notoriamente esses jogos era a violência com que eram praticados, tanto que foram proibidos severamente na

Normandia e Inglaterra, sendo entre os anos de 1314 e 1615 editados diversos decretos de proibição ao jogo.

Mesmo sendo a Inglaterra seguramente o berço do futebol moderno os italianos também possuíam um jogo, chamado “Calcio”, praticado na Itália medieval, em que duas equipes tinham que atravessar uma bola até uma área ao final do campo adversário. Os italianos, porém, acreditam que a origem do futebol esteja no “Calcio”, tanto que, na Itália, o futebol como conhecemos é chamado de “Gioco Calcio”¹.

O Futebol Moderno

A história do esporte é íntima da cultura humana, pois por meio dela se compreendem épocas e povos, já que cada período histórico tem o seu esporte e a essência de cada povo nele se reflete (TUBINO, 1993, p.12).

Antes dos esportes existiam apenas atividades físicas de caráter diversos, dentre eles militar, religioso, higiênico e educativo. Já o futebol, como conhecemos hoje, tem sua origem na Inglaterra do século XIX, porém, até chegar na constituição atual de códigos e regras, passou por um árduo caminho.

A proibição dada aos “jogos de bola” seguramente não teve apenas o motivo da violência com que eram praticados. A Inglaterra vivia num Estado desigual e o poder massificador que o jogo de bola possuía era algo temido por seus governantes, pois poderiam surgir daí “revolucionários” que teriam a multidão em suas mãos, constituindo-se em uma séria ameaça. Outro motivo inerente a essa proibição estaria no fato do futebol poder estar desviando as atenções dos jovens ingleses dos esportes ligados à formação militar.

Na Inglaterra, o jogo sobrevive na clandestinidade nas “public schools”, e passa a ser considerado um “*esporte de gentleman*” (PIMENTA, 1997, p.36), em que começam a delinear-se as primeiras regras e códigos de comportamento. Dentro das escolas o futebol tem que se adequar

¹ Utilizamos esses conceitos com o objetivo de ilustrar a modalidade futebol e sua importância nas diferentes sociedades organizadas

à nova realidade do sistema, um jogo mais organizado, menos violento e burguês. Porém, como citado anteriormente por Tubino (1993, p. 12) “... *cada período histórico tem o seu esporte e a essência de cada povo nele se reflete*”, e refletindo nesse ponto, não só a essência popular, mas as fomentações de cada governo podem ser expressas de acordo seus interesses desenvolvimentistas ou dominantes, também pelos esportes.

... Qualquer relação de dominação pressupõe uma resistência por parte do dominado; que nunca é completamente dominado, mas devolve ao dominador influências que acabam por reorientar os sentidos originais (GARCIA, 2000: 16).

Neste momento o futebol, como esporte plebeu, representava um perigo assustador aos olhos da elite opressora e dominante, desse modo, precisava ser afastada do povo. Porém, vivenciando-se a Revolução Industrial a todo vapor, estes olhos começaram a mudar de perspectivas.

Pimenta (1997) defende a idéia de que antes o que era visto como uma ameaça, outrora passou a ser compreendido como um poderoso aliado. Essa mudança de visão ocorreu no momento em que o agora patrão enxergou que o futebol, utilizado como instrumento desorganizador para seus proletariados, poderia ser uma potente arma para dificultar a organização de classes, fato esse, também notado e combatido pelos movimentos políticos anticapitalistas e entre os trabalhadores já organizados, que intitulavam o futebol como um “*instrumento de manipulação*” (p.37). O mesmo autor ainda apresenta outra reflexão interessante:

O futebol na versão moderna foi fortemente incentivado e patrocinado por indústrias no mundo inteiro, quem sabe, na intenção de obter um retorno na capacidade de produção ou numa aproximação afetiva entre a indústria e o atleta/torcedor (PIMENTA, 1997, p.37).

A Profissionalização Britânica

Vários estudos anteriores consideram a Inglaterra como um dos países mais significativos no desenvolvimento do esporte moderno. Proni (2000), por exemplo, afirma que os primeiros

passos para a “esportização dos jogos” ocorrerem na Inglaterra na metade do século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX e estão diretamente relacionados ao avanço do processo civilizador. Tudo leva a crer que fora um desenvolvimento lento e não planejado pela elite dominante como se acreditava. Porém, esta pôde ter tirado muito proveito desta situação em benefício próprio.

Voltando ao desenvolvimento da profissionalização britânica, do outro lado da moeda estavam os proletários que encontraram no futebol, em primeiro plano, um incentivo a uma falsa igualdade social, pois se tratava de um esporte de burgueses, e o principal, um esporte em que se abriam as perspectivas de melhoria na qualidade de vida do jogador, proporcionando-lhes respeitabilidade em razão de sua habilidade física.

Neste ponto, Proni (2000) argumenta também que o futebol alcançou tamanho sucesso entre os operários pelo fato destes obterem folga aos sábados à tarde e poder ser um canal alternativo de comunicação entre patrão e empregado. Para Proni, a idéia criada por alguns autores da década de sessenta de que a difusão do futebol nas classes operárias inglesas tenha sido uma forma de controle do tempo livre dos trabalhadores, funcionando como uma espécie de ginástica laboral, adestrando o trabalhador para produzir cada vez mais, é rebatida com o argumento de que o futebol apenas ajudou a criar e desenvolver um estilo de vida mais característico das cidades inglesas da época.

Nesse momento podemos encontrar o ponto em que o futebol começa a deixar de ser um esporte amador e engatinha para um profissionalismo. Um momento em que explode o número de campos próximos às fábricas, operários mais habilidosos passam a ser recrutados a serem também jogadores de futebol e, como começara a atrair um grande público, tornando-se um empolgante espetáculo, algumas equipes instituíram formas de remuneração extra aos operários que jogavam para estes dedicar mais tempo aos treinamentos, melhorando assim o desempenho.

Porém essa profissionalização não foi tão fácil como parece. Para manter os princípios éticos que regem o esporte amador um “acordo” fora feito entre as equipes e a “Football Association” para manter-se ainda um certo amadorismo. Este acordo propunha que os atletas

poderiam tornar-se profissionais, porém os dirigentes deveriam permanecer amadores. Desse modo, conviveram equipes “parcialmente” profissionais com outras ainda amadoras até o momento em que se resolveu separar em duas divisões distintas, mantendo assim o espírito esportivo que opera no esporte amador e dando um passo importantíssimo ao profissionalismo.

A Profissionalização do Futebol pelo Mundo

Quebradas algumas barreiras que tentaram impedir a profissionalização do futebol em seu berço, o mundo também precisava readaptar-se ao novo contexto mercantilista esportista e imitar o modelo que se formara na Inglaterra. Para Proni (2000), o mundo ocidental era fortemente influenciado pelos britânicos, o que espalhou facilmente o gosto por este esporte na maioria dos países aí localizados. A influência britânica ajudou a formar equipes em quase todos os países da Europa, chegando logo a seguir na América do Sul.

A profissionalização fora dos limites britânicos esbarrou numa difícil barreira a ser transposta, a elitização que o amadorismo proporcionava a este esporte. Quando incluso nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 1896, como esporte de exibição, reforçou-se ainda mais este caráter elitista presente no futebol.

Com a criação da FIFA (Fédération Internationale de Football Association) em 1904, o falso amadorismo que reinava no futebol, começou a ruir. Porém, fora somente depois dos Jogos Olímpicos de Paris, em 1924, que a promoção de um torneio organizado por esta mesma entidade foi discutida mais abertamente, criando a princípio grande polêmica, pois competiria diretamente com os Jogos Olímpicos.

Como os melhores jogadores espalhados pelo mundo, de uma forma ou de outra, já recebiam algum “benefício” para exercer a “profissão” de jogador de futebol e os Jogos Olímpicos proibiam a presença de atletas profissionais, a FIFA resolve criar então um campeonato organizado por ela mesma. Surge então a Copa do Mundo, na qual poderiam participar quaisquer jogadores, fossem eles amadores ou profissionais.

Os primeiros países, fora dos limites britânicos, a permitirem abertamente a profissionalização foram a Áustria (1924), Tchecoslováquia (1925) e Hungria (1926) (PRONI, 2000, p. 34). Na América do Sul o futebol chegou primeiro nos países que sofriam mais abertamente influência inglesa, como era o caso da Argentina.

O futebol na Argentina chegou ainda no final da década de 1860, sendo que a primeira partida oficial entre seleções sul-americanas ocorreu em 1902 entre Argentina e Uruguai.

O próprio Uruguai foi certamente uma das grandes potências no início da profissionalização. A Celeste Olímpica (título dado após o bi-campeonato nos Jogos Olímpicos de 1924 e 1928) foi a grande campeã do primeiro torneio organizado pela FIFA, em terras uruguaias, em 1930.

Enfim, Proni (2000) menciona a importância da década de 20 como o principal e decisivo período para a adoção da profissionalização pela maior parte dos países. Porém, fora somente na década de 30 que a profissionalização consolidou-se e atingiu o patamar de regime dominante no futebol internacional.

O Futebol Hoje: Reflexões Introdutórias

Passados alguns anos desde sua criação, o futebol enfrentou a manipulação por alguns regimes ditatoriais, como foi o caso da Itália de Mussolini, bicampeã Mundial de 1934 e 1938, enfrentou a 2ª Guerra Mundial e a profissionalização consolidou-se ainda mais no cenário mundial. A história deste esporte (e na verdade de todos) só teria uma nova mudança radical com a chegada dos meios de comunicação nas transmissões e coberturas aos eventos esportivos.

A partir da década de cinquenta, principalmente na Europa, os clubes perceberam que era preciso ampliar suas fronteiras e sair atrás de mais recursos para mantê-los. Apesar de ainda manterem uma administração amadora, o prejuízo deveria ser uma palavra riscada de seus dicionários. Por esse motivo, deveriam ampliar suas fontes de renda e o marketing esportivo foi chave fundamental para uma parceria que unia esporte e empresas.

O primeiro exemplo de futebol ligado à empresa foi a criação da NASL (National American Soccer League) em 1967. Até então, o futebol vivia uma era de puro romantismo, em que o clube deveria pertencer somente aos torcedores e que nenhum segmento privado poderia corromper esta união. Porém, através da visão capitalista americana, guiada por empresas do ramo de material esportivo, principalmente, o rumo do futebol mundial começava a direcionar para uma nova realidade (PRONI, 2000).

O futebol hoje é um negócio altamente lucrativo. De acordo com Proni (2000), somente o valor do contrato de transmissão da próxima Copa do Mundo de Futebol (Alemanha, em 2006) já estaria fechado em torno de US\$ 1,2 bilhão. Este seria apenas um exemplo, entre vários outros, de valores astronômicos que o futebol faz girar pelo mundo. Desse modo, ao analisarmos o futebol desde suas origens até os dias atuais, e compararmos todo o “avanço” em termos numéricos pelo qual vem passando, temos que ter sempre o cuidado de não cairmos na mesmice de achar que tudo o que for lucrativo será bom ao futebol. O futebol precisa sim deste “avanço” para manter-se vivo, mas precisa muito mais valorizar suas raízes para que o artista principal deste espetáculo, o jogador, não desapareça.

A Chegada ao Brasil

Uma grande polêmica instaura-se na chegada do futebol ao Brasil. Teria sido mesmo Charles Miller o introdutor do futebol no Brasil? O que dizer então do esporte praticado em alguns Colégios Jesuítas (Colégio São Luiz, em Itu-SP, Colégio Anchieta, em Nova Friburgo-RJ, por exemplo) desde 1880, que seguia também as regras estabelecidas na “*taberna Freenason, na Great Street de Londres*”, não era futebol? Vocês não acham estranho que um homem trouxesse uma bola, e poucos anos mais tarde, grande parte da população brasileira já praticasse o esporte (PIMENTA, 1997)?

Polêmicas à parte, a verdade é que a importância de Charles Miller para o futebol brasileiro não pode ser menosprezada e muito menos negada.

Charles Miller jogou em várias equipes amadoras na Inglaterra e devido ao bom futebol apresentado foi assediado a disputar a Liga Inglesa de Futebol (também amadora). Chegou a jogar pelo Hampshire e Southampton, porém a vontade de implantar esse esporte no Brasil falou mais alto.

Chegando ao Brasil o futebol não encontrou muitas barreiras para ser implantado e logo disseminado para a população. Para Rosenfeld (1993), as maiores “batalhas” para a criação e popularização do futebol já haviam sido travadas na própria Inglaterra e, ao chegar ao Brasil, nação na época totalmente dependente e receptora de tudo o que de lá chegava, as resistências não tiveram muita força. Porém, a maior resistência viera dos clubes, onde já se praticavam esportes extremamente aristocratas, como o turfe e o críquete e, no entanto, tentaram resistir ao “novo” esporte, sem muito sucesso.

Santos Neto (2000) defende a idéia de que o futebol chegou e logo se transformou em um grande acontecimento social, organizando-se em Ligas, com cobertura da imprensa e com número cada vez maior de torcedores. Com a recente abolição da escravatura, o negro encontrava-se despejado nas ruas e o futebol entra nesse contexto como algo que poderia igualar a sociedade desigual ou mesmo libertar os mais oprimidos. O negro colocou a ginga, o jogo de cintura e transformou um futebol, até então grosseiro e mal acabado, em algo refinado como uma verdadeira dança.

Chegando no Estado Novo de Getúlio, o governo precisava mostrar seu poder organizador e ao mesmo tempo populista. Desse modo, interviu diretamente na política dos clubes, ditando inclusive o modelo de estatuto que deveriam ser acatados por estes, o que resultou num passo imenso em direção ao profissionalismo.

Longe da reação emocional dos clubes aristocráticos – que não admitiam que o povo lhes tirasse a bola – os políticos cedo descobriram a força do novo esporte. As relações do Estado com o futebol podem ser esquematizadas em três fases claramente identificáveis: o incentivo, na República Velha; a participação organizacional-burocrática, no Estado Novo; e a militarização, a partir de 1969. (GONÇALVES, 1985, p.23).

Segundo Pimenta (1997), o real motivo desse “interesse” seria o de transformar o futebol em uma verdadeira propaganda governamental (o que ocorria com quase tudo na época).

Os trabalhadores mais habilidosos, por outro lado, com esse começo de profissionalismo poderiam, além de trabalhar nas indústrias (muitas recentes), jogar por agremiações ganhando os famosos “bichos”² e adquirindo um enorme prestígio para a época.

² O termo “Bicho” apareceu pela primeira vez em 1923, quando um rico cerealista vascaíno resolveu premiar com dinheiro os jogadores do seu time de coração, num momento em que o futebol brasileiro ainda vivia um regime amador. Nessa época, as notas tinham uma espécie de determinação zoológica: 5 mil-réis representavam um cachorro, 10 mil-réis, um coelho e assim por diante. Então, terminados os jogos, os jogadores lhe perguntavam: qual será o bicho de hoje? (MENDES, 1999).

O FENÔMENO FUTEBOL NA SOCIEDADE BRASILEIRA

A Origem Elitista

O futebol chegou ao Brasil com o status de esporte. De acordo com DaMatta (1982), esporte, naquele momento da história de nosso país, era algo nobre, algo destinado a modernizar o corpo e, através da competição que gerava, dar-lhe a rigidez e a força necessária a enfrentar o novo sistema que se instaurara.

A elite brasileira incorporava toda e qualquer “moda” oriunda da Europa. Esportes como o cricket, o turfe, o tênis, que ainda hoje se restringem à elite, naquela época também não eram tratados de modo diferente. Praticar esporte era algo “fino”, “coisa de gentlemen”.

Ao chegar ao Brasil pelos colégios, em meados do século XIX, o futebol já havia perdido o estigma de jogo violento e baderneiro. A própria Igreja Católica já havia “reconhecido” ali um poderoso instrumento capaz de educar os jovens.

...se ele foi utilizado para controlar e propagar valores da burguesia para jovens ingleses, então, por que a Igreja também não poderia utilizá-lo com a mesma finalidade? (MELO, 2000, p.18).

A Igreja Católica, fator de enorme importância, parece não ter levantado nenhuma objeção. Deve-se até salientar o fato de que numerosos padres deram o impulso decisivo para a difusão do novo jogo. Uma certa notoriedade conseguiu o Padre Manuel Gonzáles, que deve ter fabricado a primeira bola brasileira de couro cru, para que seus alunos do Colégio Vicente de Paula (Petrópolis) pudessem dedicar-se ao esporte. (ROSENFELD, 1993, p.78).

Nos Colégios Jesuítas do Brasil, o futebol, praticado já com bolas vindas da Europa em substituição às “antigas” confeccionadas com bexiga de boi, era utilizado como um meio higienizador ao corpo. Os Colégios já começavam a valorizar o exercício físico, pois o jogo já havia se transformado em esporte, com regras e padrões já estabelecidos e bem claros.

Porém o mundo como um todo vivia dias conturbados. No Brasil, a industrialização apesar de muito tardia, já dava seus primeiros passos. Os ideais liberais se propagavam por toda a Europa. Já no Brasil, os ideais liberais não repercutiam com o mesmo efeito.

Por outro lado, o liberalismo não teria no Brasil o mesmo significado, a mesma dimensão, a mesma amplitude que teve na Inglaterra ou na França. Essa discrepância entre as revolucionárias idéias liberais e a inércia de uma sociedade de costumes conservadores abria um descompasso tanto na vida pública como na vida privada. Em certo sentido, o esporte era um ingrediente a mais nas tensões que se instauraram com a transição para uma sociedade burguesa (PRONI, 2000, p.100).

Para a burguesia brasileira, ao imitarmos os hábitos dos países desenvolvidos, estaríamos nos tomando iguais a eles. O mesmo ocorria nas periferias. Ao consumir, ao produzir e ao vivenciar as mesmas situações que os “ricos” vivenciavam é como se também fossem ricos.

A Popularização do Futebol

A década de 20 é considerada, para a maioria dos autores, como a década em que o futebol se popularizou, conseguindo penetrar nas mais diversas camadas da sociedade, de onde nunca mais saiu. Daolio (2003) discutiu o assunto e mencionou que:

... Apesar de caracterizar-se, no início, como um esporte de elite, a partir de meados da década de 1920, ele se popularizou de tal forma que atinge hoje, direta ou indiretamente, toda a população brasileira (p. 155).

As reflexões de Daolio (2003) corroboram com as de Proni (2000), anteriormente discutidas nesse ponto. Neste momento histórico, o futebol deixava de ser praticado exclusivamente por clubes aristocratas e colégios de elite e passava, progressivamente, a cativar operários e trabalhadores de classes populares. Começavam a surgir equipes formadas por operários e o futebol passa a ser praticado nas periferias das cidades.

Ao tentarmos responder a uma pergunta, comum a todos os interessados em futebol, ou seja, como um esporte bretão conseguiu familiarizar-se tão fortemente na cultura brasileira, achamos um possível consenso entre os autores. DaMatta (1982) justifica, de um modo geral, que ele, o futebol, permite expressar uma série de problemas nacionais, alternando percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos.

Daolio (2003) converge suas idéias para quatro pontos possíveis. No primeiro defende a idéia de que o futebol reflete um exercício de igualdade, em que ao começar uma partida de futebol as duas equipes têm as mesmas condições de ganhá-la (deixando-se de lado, é claro, a diferença econômica entre elas). Ao iniciar-se uma partida existe o mesmo número de jogadores, um árbitro (o mais neutro possível), dois “bandeirinhas” que não mudam de lado, para não favorecer este ou aquele e uma infinidade de argumentos que comprovam a igualdade pré-estabelecida. Essa igualdade pode ser relacionada à igualdade que os menos favorecidos e os mais esquecidos buscam no seu dia-a-dia. Porém, todos os esportes buscam possuir as regras mais igualitárias possíveis. O que difere o futebol dos demais é que este é praticado com os pés.

Neste segundo ponto, Daolio (2003) acha a explicação para esta íntima relação do futebol com o povo brasileiro ao lembrar que a cultura brasileira deve muito ao samba, à capoeira e até às danças rituais indígenas, todas praticadas também com os pés.

Um terceiro e não menos importante aspecto deve-se ao fato do futebol permitir a “livre expressão individual”, ou seja, apesar de coletivo como muitos outros esportes, numa ação individual é possível desestruturar toda uma equipe, a ponto de considerarmos que um jogador ganhou uma partida ou até mesmo uma Copa do Mundo sozinho (como ocorreu com Garrincha, em 1962, na Copa do Chile).³

Porém, o último e, para mim, mais importante aspecto estudado por Daolio seria o fato da “malandragem” brasileira poder expressar-se numa partida de futebol em dribles e fintas maravilhosas. O malandro é um personagem muito estudado na cultura brasileira, pois reflete

³ Conforme alguns programas esportivos de televisão, é dado a Garrincha a importância de ter ganhado praticamente “sozinho” a Copa do Mundo de Futebol, acontecida no Chile, em 1962. É claro que este ponto pode ser discutível em vários aspectos. Porém não é de interesse deste trabalho entrar nesta discussão.

bem o estilo de vida da grande parte da população. daquelas pessoas que sempre dão um jeitinho para tudo, mesmo quando parece não haver mais jeito. No futebol é da mesma forma, quando nos falta força, resistência ou agilidade, sobra-nos o jeito moleque de jogar, a esperteza de um drible. Quando todos pensam que este jogador passará a bola para aquele, pois seria o mais óbvio, é neste instante que surge uma finta desconcertante de deixar zagueiro com dor na coluna, podendo resultar num gol de placa.

O Jogo do Povo

Zago (2002) busca a explicação para o motivo real do futebol ser considerado o “esporte do povo”, ou como mais comumente o chamam de “esporte do povão”. Dentre as respostas que acha, a mais aceita por ele é a que caracteriza o futebol como um esporte “simples”, perto dos outros esportes mais conhecidos. Para se jogar futebol muitas vezes não é necessário sequer uma bola. Crianças jogam futebol com latinhas, com pedras, num passado não muito distante jogava-se com bola-de-meia. Para se jogar futebol não é necessário um campo gramado, com traves e rede. Joga-se em qualquer campinho de terra batida, no asfalto duro e áspero, que por muitas vezes arranca-nos a “tampa do dedão” e até em gramados. Para se jogar futebol não precisa ser um exímio jogador. Todos jogam. Normalmente quem é o dono da bola sempre tem a razão para tudo e nunca pode ficar de fora do jogo.

Outra idéia defendida por Zago (2002) é a de que “o futebol também pode representar a caricatura do nosso dia-a-dia” (p.132). Com esta idéia podemos comparar um jogo de futebol com o jogo de nossas vidas. Um dia você vence, como se conseguisse um novo emprego ou gerasse um filho. No outro dia está apenas empatando, tudo continua na mesma. Aí você consegue reunir forças para reagir e fazer um gol. Porém, têm aqueles dias em que tudo dá errado, você não acerta um passe, tropeça na bola, perde o emprego, é abandonado pela esposa, toma um gol, perde o jogo. Mas mesmo assim têm que acordar no dia seguinte com as forças recarregadas, pois começará tudo de novo.

O futebol, por este prisma, é encarado como um momento em que, dentro das quatro linhas, os problemas parecem que vão embora. As pessoas esquecem as contas a pagar, chutam a

bola como se fosse o seu mais temido inimigo e por fim tudo acaba bem. Ganhando ou perdendo parece que todos foram vencedores.

Daolio (2003), ao comparar as brigas de galo em Bali com o espetáculo do futebol, também nos dá argumentos para seguir neste mesmo caminho. A briga de galos em Bali é a mais pura expressão cultural daquele povo, assim como o futebol também é para o nosso. Quando dois galos entram na arena para se degladiarem, o povo de Bali coloca ali todos os seus sentimentos e aspirações. O mesmo acontece no caso do futebol com o povo brasileiro. O autor descreve que “... o Brasil se revela num campo de futebol e, na verdade, não são apenas 22 jogadores que se defrontam, mas toda uma sociedade” (p. 183).

O FUTEBOL NO BRASIL: Da Cultura Elitista aos Campos de Várzea

“Futebol de Várzea”: Definições

Saudosistas de plantão, ao assistirem partidas de futebol nesses nossos dias, relembram e comentam como era diferente o futebol há algumas décadas. Lembram de quão bonito era o futebol realizado pelos jogadores, do amor que a maioria possuía somente pelo seu clube, e tentavam manter esse amor o mais fidelíssimo possível. Lembram dos dribles moleques, do improvisado, do futebol comparado a um espetáculo, devido à arte realizada pelos jogadores, a qual encantava multidões pelos estádios Brasil a fora. Muito dessa “magia” que sempre acompanhou o futebol brasileiro é creditado ao futebol re-criado nos campos de periferias, nos campos de várzea.

Várzea, de acordo com o dicionário (Ferreira, 2000) é definida como “terreno baixo e plano, nas margens de rios e ribeiras e fertilíssimo”. Futebol de várzea, desse modo, pode ser definido como a *prática de futebol não-oficial, amador, jogado predominantemente na periferia da cidade* (SANTOS, 1999, p. 118).

É evidente que esta prática já não acontece somente às margens de rios ou ribeirões. Hoje, devido a diversos problemas, tratados mais à frente nesse estudo, o número de campos disponíveis diminuiu significativamente e estão espalhados principalmente pela periferia das cidades.

As Origens do Futebol de Várzea e a Criação de um Estilo

Quando nos referimos ao futebol de várzea, estamos nos referindo a este futebol re-criado e moldado pela cultura brasileira, fruto da imaginação do povo brasileiro, realizado em espaços improvisados, normalmente esburacados e sem nenhuma demarcação. Espaços estes, livres da

incessante especulação imobiliária, em que o futebol brasileiro adaptou-se de tão boa forma que chega a caracterizar todo o estilo de jogo do futebol brasileiro.

Quando buscamos as origens do futebol de várzea nos deparamos com algo que não se encontra descrito por documento ou qualquer outra fonte oficial. Como quem sempre o praticou foi a camada mais humilde da população, não havia o hábito de registrar-se os acontecimentos (muito deve-se também à notória falta de recursos dessa parcela da população).

Já vimos que o futebol, ao chegar ao Brasil, organizou-se, principalmente nos colégios e posteriormente em clubes aristocratas de origem britânica.

Em sentido totalmente contrário, no Brasil foram justamente os colégios que muito cedo se tornaram as forjas de futebolistas: em escolas como os colégios militares, o Ginásio Nacional, O Alfredo Gomes, o Abílio, o Anglo-Brasileiro, o futebol era quase uma matéria obrigatória. (ROSENFELD, 1993, p.78).

Porém, com o passar do tempo e com o tamanho sucesso que o futebol atingia em todas as classes populares, foi também rapidamente assimilado pela parcela mais humilde dessa população. Porém, não foi tão fácil como se pensa. Inicialmente o futebol varzeano foi tomado como desordem, encontro de vadios e em alguns momentos até perseguido pela polícia. Mas devido ao seu poder de disseminação chegou-se um momento em que ficara difícil negá-lo ou reprimi-lo.

Certamente o crescente número de imigrantes e operários dos maiores centros do país, no começo do século XX, contribuiu para a rápida popularização do futebol varzeano. Ao trabalhar a semana toda, lhes sobrava o domingo para o descanso e prática do lazer. Neste momento, surgia uma alternativa para esta imensa parcela da população.

O importante é que o futebol vinha deixando de se restringir aos clubes e colégios de elite e passando, progressivamente, a ser praticado por operários e trabalhadores de classes populares, apesar do caráter elitista das ligas. Com o surgimento de equipes em fábricas de subúrbio (como foi o caso pioneiro do Bangu no Rio de Janeiro, formada em 1904), ou com o aparecimento de equipes

em bairros proletários (como foi o caso do Corinthians Paulista, em 1910), a prática foi se popularizando e se difundindo como um novo elemento do meio social urbano. Em contraposição a futebol dos clubes de elite, começava a proliferar o que mais tarde seria chamado “futebol de várzea”. (PRONI, 2000, p.103).

Qualquer terreno baldio, e naquela época ainda havia muitos, era logo ocupado e ficava como ponto marcado para aquele grupo de praticantes do futebol varzeano. Podia ser esses grupos formados por operários, imigrantes ou desempregados, jovens ou adultos, o importante é que possuíssem um lugar para a prática de seu lazer.

Desse modo, podemos sugerir que tenha surgido no futebol de várzea um estilo de jogo que veio, anos mais tarde, caracterizar o futebol brasileiro. Na várzea, as irregularidades do terreno, as adversidades de seus desníveis e as armadilhas encontradas fizeram surgir um futebol imaginativo, capaz de superar quaisquer adversidades e através da criatividade driblar qualquer adversário. Quando neste modelo de futebol parecia não haver meios para superar a falta de ligação que ocorria entre jogador, terreno e bola, quando o passe era dificultado por todos esses motivos, surge o drible, varzeano, no mais puro estilo brasileiro, para transpor essas barreiras e conseguir ultrapassar ao adversário.

O “Futebol de Várzea” Hoje

Hoje o termo “futebol de várzea” é utilizado mais para designar o futebol, não organizado, praticado principalmente nas periferias das cidades. Quando citamos o futebol organizado em campeonatos⁴, estamos nos referindo ao que comumente chamamos de “futebol amador”. Neste estudo, encontraremos as duas designações, com a única diferença sendo a organização ou não em campeonatos.

Muitos são os que afirmam que o futebol de várzea acabou. Para muitos outros, ele ainda continua muito vivo, porém, *só mudou de lugar* (ADAUTO, 1999, p.119).

⁴ Estes Campeonatos são, em sua maioria, organizados pelas Ligas de Futebol Amador existentes nas cidades. Estas ligas controlam toda a organização, execução e inclusive mantêm sob o seu controle os árbitros responsáveis pelo campeonato. Mais sobre as Ligas trataremos nos próximos capítulos.

Para estes que asseguram o término desta prática da cultura popular brasileira, a melhor resposta vem dos muitos craques atuais ainda oriundos deste modelo de futebol. Craques de hoje, como Cafu, que chegou a estampar em seu uniforme, em plena cerimônia de premiação pela conquista da Copa do Mundo Japão/Coréia, o nome de seu antigo bairro, Jardim Irene, bairro este em que Cafu deu seus primeiros passos para o futebol, jogando nos campos de várzea deste bairro, como mostrou reportagens exibidas logo após a conquista do pentacampeonato. Craques como Denílson e seus dribles moleques, bem ao estilo brasileiro, que também saiu de campos de várzea para brilhar em gramados pelo mundo afora. E muitos outros, que precisaríamos de alguns capítulos para escrever suas histórias relacionadas à várzea.

Hoje, a verdade é que o número de campos em que se pratica futebol de várzea diminuiu drasticamente, a ponto de haver um grande crescimento de uma modalidade nova aos brasileiros, o futebol soçaite⁵. Porém, os poucos campos que ainda restam (poucos se compararmos o número atual ao que existia a algumas décadas atrás) são ocupados de uma forma mais organizada. Antes cada equipe varzeana possuía seu próprio campo. Já nos dias atuais, existe uma espécie de revezamento para a utilização destes campos. Ora por forma de sorteios, ora por agendamentos, o que importa para estas equipes é que o espaço para esta prática ainda esteja garantido pelo menos uma vez por semana.

“Futebol de Várzea” e Violência

Outro fator que sempre caracterizou e de certa forma ainda caracteriza o futebol de várzea é a violência com que é praticado, tanto pelos seus atletas, como pelos torcedores.

O futebol de várzea não tem mais o potencial e a magia das décadas anteriores. Hoje, muitas vezes, várzea é sinônimo de violência e não mais de lazer. Nas periferias a violência sempre está acompanhando os jogos de finais de semanas, fazendo com que este espaço de lazer (o campo de

⁵ O Futebol Soçaite nasceu como Futebol Suíço, Futebol de Sete ou Futebol Social, em 1985, dentro de mansões na cidade de São Paulo, e só passou a se chamar Futebol Soçaite em 1988, quando fundou-se a Federação própria e criaram-se as regras para esta nova modalidade.

várzea) fique cada vez menos procurado pelos antigos e novos freqüentadores (SANTOS, 1999, p. 118).

No primeiro capítulo deste estudo podemos achar uma das possíveis explicações para o problema da violência que acomete não só o futebol varzeano, mas o futebol de um modo geral. Quando Tubino (1993, p. 12) cita que “... *já que cada período histórico tem o seu esporte e a essência de cada povo nele se reflete*”, ele nos indica exatamente porque a violência no futebol tem sido um elemento tão preocupante, e tão estudado, na sociedade atual.

Daolio (2003) também pode nos dar respostas para este problema:

O futebol, mais e além de tudo isso, é um fenômeno social que retrata e expressa a própria sociedade brasileira. Isto talvez explique porque as mudanças no futebol brasileiro – tanto no que se refere à prática do esporte em si quanto àquelas referentes à manifestação das torcidas – são tão difíceis de serem obtidas. Porque na verdade o futebol, como um dado da cultura brasileira, espelha a própria sociedade, com todas as suas características e contradições (p. 183).

Deste modo, o futebol varzeano passa a ser mais um dos integrantes de uma imensa lista de situações do cotidiano, em que toda a crise instaurada na sociedade, crise esta causada principalmente pela estonteante desigualdade social, tem reflexos diretamente no comportamento, tanto dos praticantes como dos torcedores deste modelo de futebol. O que poderia, e deveria, ser um momento de lazer desta parcela da população, já tão esquecida pelos órgãos públicos e ignorada pelas demais camadas da sociedade, passa a se transformar num momento de disputa de território, onde se enfrentam grupos rivais a fim de medirem forças.

Neste sentido, o futebol varzeano não é realmente aquele de outras épocas, mas ainda guarda no seu íntimo todo um passado glorioso, capaz de manter viva a esperança de um dia ser um dos veículos responsáveis por uma reviravolta na sociedade.

A VÁRZEA E O AMADORISMO EM CAMPINAS

O Futebol em Campinas

De acordo com Santos Neto (2000), o futebol se organizou em Campinas através de três caminhos distintos: funcionários brasileiros e estrangeiros das ferrovias, colégios e imigrantes europeus. Porém, para entendermos um pouco como se deu esta organização, devemos voltar um pouco no tempo (final do século XIX) e analisarmos o momento histórico pelo qual passava Campinas.

O capital acumulado pela produção do café, a partir da metade do século XIX, proporcionou a Campinas um grande desenvolvimento, já que o café era o principal produto nacional. A região de Campinas encontrava-se entre as maiores produtoras de café do Brasil o que atraiu muitos imigrantes ao trabalho. Segundo Zago (2002, p.46) “*Campinas foi, inclusive, umas das pioneiras na campanha para trazer imigrantes ao Brasil*”. Como consequência deste importante papel no cenário nacional, foi também uma das primeiras cidades a receber ferrovias para escoar a produção de café para a exportação. Já em 1867 são inaugurados os primeiros trilhos da São Paulo Railway, em 1872 os da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e três anos depois (1875) a Estrada de Ferro da Companhia Mogiana. Junto à “modernidade” que estava surgindo e desenvolvendo-se chega também os costumes e a cultura importada pela burguesia emergente da época.

A Febre Amarela

Campinas, no final do século XIX e começo do século XX, começava a ser reerguer dos grandes surtos de febre amarela que disseminaram grande parte da população campineira. Segundo Zago (2002), cerca de 2500 pessoas morreram entre 1889 e 1897, o que equivale a 6% da população da época.

Ocorre então uma intensa campanha de “higienização da cidade”, em que o poder público acaba por instalar o “Desinfectório Central de Campinas”.

... Outras modificações urbanas foram executadas na cidade, como drenagem de pântanos, aterramento de córregos, calçamento de ruas, arborização, rede de água e esgoto, serviço de limpeza urbana e coleta de lixo. O poder público atua exaustivamente no chamado processo de higienização da cidade, com a instalação da Comissão Sanitária, sob o nome de Desinfectório Central de Campinas (SANTOS NETO, 2000, p.30).

Nessa campanha também, o poder público procurou enfatizar a higienização pessoal e a importância da prática de exercícios físicos. De acordo com Zago (2002), a atividade mais comentada na época era a aviação, devido ao recente vôo do 14 Bis de Alberto Santos Dumont. Porém outros esportes também chegavam a Campinas nesta época, dentre eles o futebol.

O Futebol Começa a se Organizar

Zago (2002) relata que o número de equipes que se formaram no início do século XX na cidade de Campinas crescia em um ritmo muito acelerado. O futebol, ainda amador, infiltrava-se cada vez mais nos diversos cantos da cidade e ia, aos poucos, colecionando novos adeptos. Porém, a elite campineira ainda era a maior participante e quem ditava as regras de tudo o que fora ligado ao futebol.

A primeira equipe da cidade foi o Gymnasio Athletic Club, depois surgiram Campinas Athletic Club, Associação Athletica Campineira e outras.

“A primeira tentativa de se criar um certame na cidade de Campinas foi em 1907. Mas o intento fracassou”. (ZAGO, 2002, p.110). E somente cinco anos após, em 1912, é que seria criado o primeiro “Campeonato Campineiro de Futebol”.

Esse primeiro Campeonato fora organizado pela também pioneira Liga Operária de Futebol, a L. O. F., a qual fora fundada neste mesmo ano por cinco equipes: Corinthians F. C., Internacional F. C. M., Ponte Preta, Guarani e London F. C., sendo que a Ponte Preta tornou-se a

primeira campeã de Campinas. O Guarani ficou em segundo, iniciando-se aí uma intensa rivalidade que perdura até os dias de hoje.

Porém, somente em 1916 é que houve um novo Campeonato, agora organizado pela Associação Campineira de Futebol, A. C. F., vencido nesta ocasião pelo Guarani, no “primeiro quadro” e pela Ponte Preta no “segundo quadro”.⁶

O Campeonato de Futebol de Campinas apesar de ter ficado parado por quase quatro anos, de 1912 a 1916, conquistava cada vez mais o agrado do público e atraía ainda mais novos participantes. Sendo que as equipes, neste período, participaram de muitas partidas amistosas contra equipes tanto da cidade como da região.

A A. C. F. organizou ainda Campeonatos até 1920, sendo que Guarani e Ponte Preta revezavam-se, na maior parte deles, nas conquistas dos títulos.

O futebol organizado em Campeonatos ficou novamente parado de 1921 a 1934, período em que algumas equipes chegaram a participar de Campeonatos espalhados pelo interior do Estado, como ocorreu com Guarani, Ponte Preta e algumas outras equipes que disputaram o Campeonato do Interior. Somente em 1935 é criada a Liga Campineira de Futebol, Liga que organiza, ainda hoje, o mais importante Campeonato Amador de Campinas.

⁶ Essa prática de dividir o Campeonato em primeiro e segundo quadro é realizada até os dias atuais, porém hoje é mais utilizada em partidas amistosas e não mais em Campeonatos. Quando uma equipe “marca” um amistoso contra outra equipe, primeiro realiza-se a partida do segundo quadro, em que normalmente encontram-se os jogadores mais idosos, juntamente com os “um pouco menos habilidosos”, e logo após realiza-se a partida do primeiro quadro, esta já contando com jogadores bem mais jovens e outros mais habilidosos.

As Ligas Amadoras em Campinas

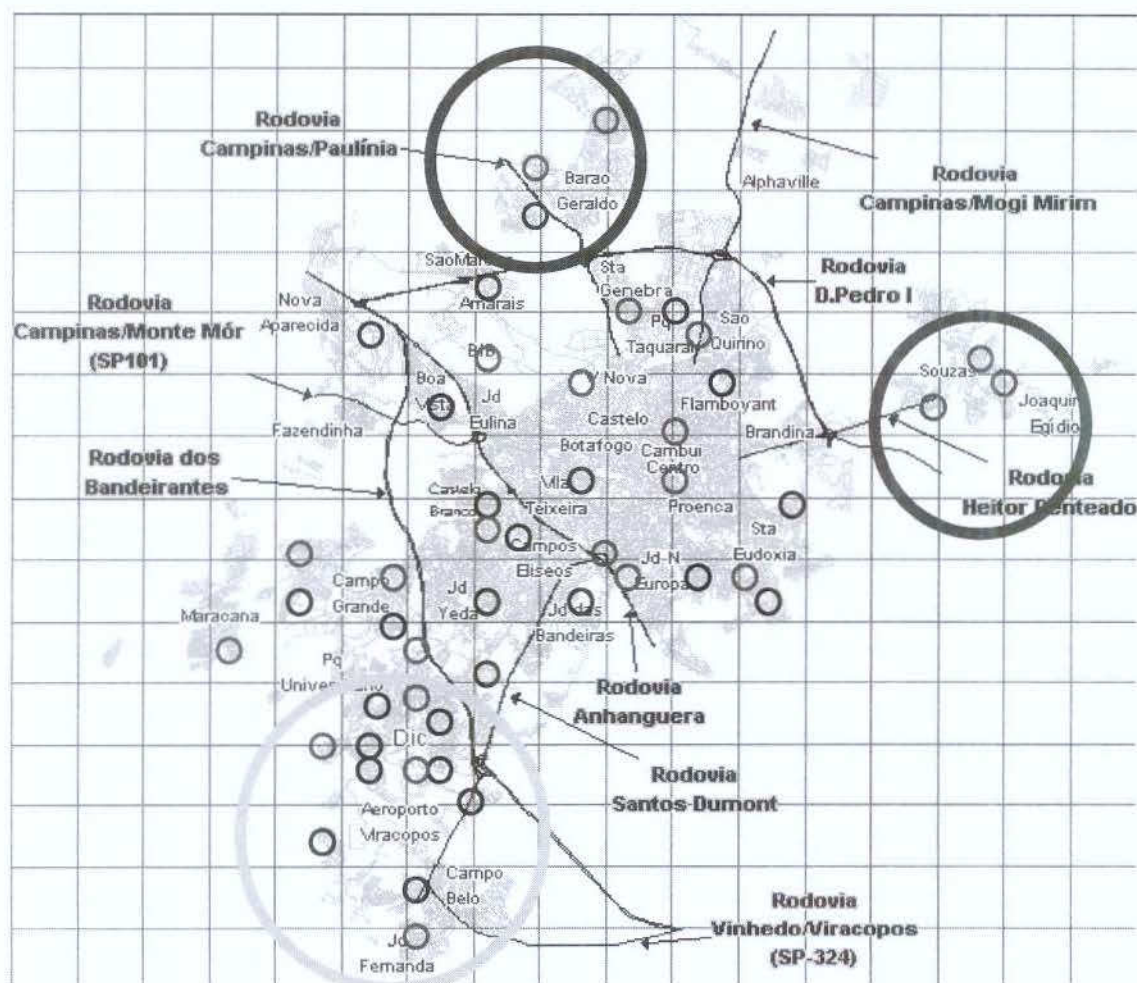


Figura 1 – Mapa da cidade de Campinas com a atuação das Ligas de Futebol Amador

| Ligas Amadoras de Futebol | |
|---------------------------|---------------------------------|
| ○ | Liga Campineira de Futebol |
| ○ | Liga Independente de Futebol |
| ○ | “Liga” Ouro-Verde |
| ○ | “Liga” de Souzas/Joaquim Egídio |
| ○ | “Liga” Barão Geraldo |

Ao analisarmos o mapa de Campinas, que nos indica a distribuição das Ligas de Futebol amador por Região (Figura 1), podemos perceber que dentre as duas principais Ligas existentes nos dias atuais, a Liga Campineira de Futebol e Liga Independente de Futebol da Região de

Campinas, não existem diferenças na área de atuação. Participam, basicamente, equipes espalhadas pelas cinco regiões da cidade, com a diferença que na Liga Independente também participam equipes da Região Metropolitana de Campinas (RMC).

Existem também “Ligas” espalhadas nos diversos Distritos da cidade de Campinas, como a Liga de Barão Geraldo e a Liga de Souza/Joaquim Egídio e ainda a Liga Ouro-Verde⁷, instalada numa região da cidade, a Região do Ouro-Verde, que cresce num ritmo acelerado a cada dia.

Somente as Ligas Campineira e Independente possuem Estatuto próprio, as demais são organizadas ou por clubes, como é o caso do Clube Souza que organiza o Campeonato naquele Distrito de mesmo nome, ou por pessoas ligadas ao meio futebolístico, como o caso das Ligas Ouro-Verde e de Barão Geraldo.

Breve Histórico das Ligas

Apesar da existência de praticamente cinco Ligas Amadoras atuando no Município de Campinas, vamos focar as atenções apenas nas duas principais Ligas, a Campineira e a Independente, devido a importância e prestígio que estas possuem.

A Liga Campineira de Futebol (LCF)

A Liga Campineira de Futebol foi fundada, como citado anteriormente, em 1935, sendo ainda hoje a principal e mais tradicional entidade deste segmento na cidade. A Liga Campineira, como é mais comumente chamada, organiza até hoje o principal Campeonato de Futebol Amador e tem na figura de Wallace Nogueira Rocha seu presidente.

⁷ A “Liga Ouro Verde” não organiza Campeonatos desde 2001.

Os Campeões Amadores de Campinas

| ANO | EQUIPE | ANO | EQUIPE |
|------|------------------------|------|----------------------------|
| 1935 | A A Ponte Preta | 1970 | Souzas F C |
| 1936 | A A Ponte Preta | 1971 | E C Gazeta |
| 1937 | A A Ponte Preta | 1972 | U C Vila Teixeira |
| 1938 | Guarani F C | 1973 | Souzas F C |
| 1939 | Guarani F C | 1974 | Esportiva Santalucense |
| 1940 | A A Ponte Preta | 1975 | Não Houve |
| 1941 | Guarani F C | 1976 | A D C Kleber |
| 1942 | Guarani F C | 1977 | A D C Kleber |
| 1943 | Guarani F C | 1978 | A A Alvorada |
| 1944 | A A Ponte Preta | 1979 | E C Gazeta |
| 1945 | Guarani F C | 1980 | A A Alvorada |
| 1946 | Guarani F C | 1981 | Clube Rhodia |
| 1947 | A A Ponte Preta | 1982 | S E R Vila Marieta |
| 1948 | A A Ponte Preta | 1983 | Clube Rhodia |
| 1949 | C A Valinhense | 1984 | Botafogo F C |
| 1950 | C A Valinhense | 1985 | E C Gazeta |
| 1951 | A A Ponte Preta | 1986 | S R C Pq das Universidades |
| 1952 | A D C Rigesa | 1987 | Pq Brasília F C |
| 1953 | Guarani F C | 1988 | G Santa Isabel |
| 1954 | Floresta F C | 1989 | S R C Pq das Universidades |
| 1955 | E C Juventude Paulista | 1990 | Unidos Pe Anchieta F C |
| 1956 | Não terminou | 1991 | S R C Pq das Universidades |
| 1957 | Guarani F C | 1992 | S R C Pq das Universidades |
| 1958 | Jabaquara F C | 1993 | Yara Clube |
| 1959 | Vila Nova F C | 1994 | Yara Clube |
| 1960 | E C Santa Odila | 1995 | C R Flamengo |
| 1961 | Não houve | 1996 | A D Guará |
| 1962 | Bonfim Rec Social | 1997 | A D Guará |
| 1963 | E C Gazeta | 1998 | D F S Vila Rica |
| 1964 | E C Gazeta | 1999 | D F S Vila Rica |
| 1965 | E C Gazeta | 2000 | Boa Vista F C |
| 1966 | E C Gazeta | 2001 | C R Flamengo |
| 1967 | Flamengo F C | 2002 | Cruzeiro F C |
| 1968 | E C Gazeta | 2003 | Cruzeiro F C |
| 1969 | E C Gazeta | | |

Tab. 1 -- Os Campeões Amadores da Liga Campineira de Futebol

Vale destacar dentre os diferentes campeões desde 1935 a presença marcante, no início, de Guarani Futebol Clube e Associação Atlética Ponte Preta. Estes dois clubes revezaram-se nas conquistas até 1948, pois a partir daí alçaram vôos mais altos, chegando aos Campeonatos Profissionais do Estado de São Paulo.

Outro ponto importante a ser comentado é a não existência de um “domínio” de um grupo de equipes na conquista dos títulos. Diferentemente de Campeonatos como o Paulista, por exemplo, em que apenas um grupo seletivo de clubes reveza-se nas conquistas, na Liga Campineira, desde sua criação, 29 equipes já levantaram a taça, dentre as quais Guarani F. C. e E. C. Gazeta são os maiores vencedores com 9 conquistas cada, seguidos de perto pela A. A. Ponte Preta com 8.

Alguns Números Atuais

Ao compararmos o número de campeonatos realizados nos últimos quatro anos (Gráfico 1), podemos notar que não houve variação significativa indicada, destacando-se somente o ano de 2001 com um leve declínio. Já ao analisarmos os números de equipes participantes (Gráfico 2) e o número de atletas participantes (Gráfico 3), também neste mesmo período, podemos destacar o significativo aumento no ano de 2003. Este aumento reflete bem a parceria realizada entre Liga Campineira de Futebol e Prefeitura Municipal de Campinas.⁸

⁸ O ano de 2003 está sendo marcante para o futebol amador de Campinas, pois está ocorrendo uma parceria entre Prefeitura Municipal de Campinas, através de sua Secretaria de Esporte, Cultura e Turismo e a Liga Campineira de Futebol. Nesta parceria, a Prefeitura encarrega-se, dentre outras coisas, de algumas taxas, como as de arbitragem e aluguel de campos para a realização dos jogos, já a Liga Campineira encarrega-se da organização do Campeonato, quadro de árbitros e demais necessidades. Pelo motivo dessas taxas serem sempre de um elevado valor para a realidade das equipes participantes, o custeio pela Prefeitura propiciou a participação de um número de participantes nunca antes visto nestes Campeonatos (Fonte: Liga Campineira de Futebol).

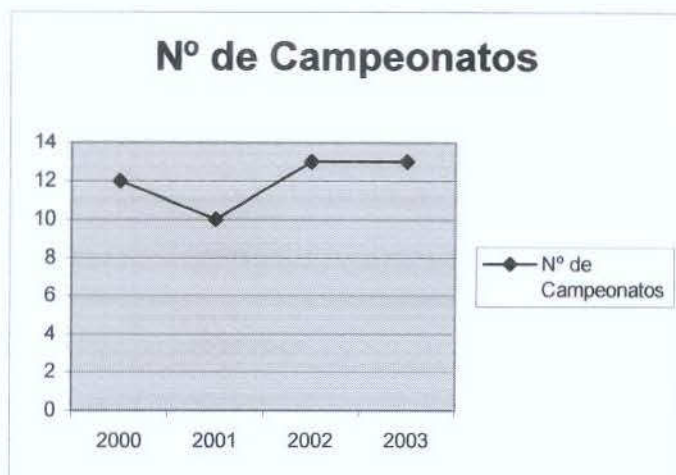


Gráfico 1 – Número de Campeonatos realizados pela Liga Campineira de Futebol

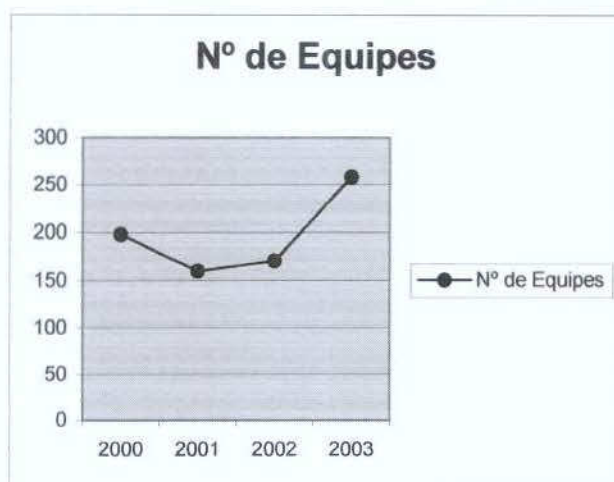


Gráfico 2 – Número de equipes participantes (Liga Campineira de Futebol)

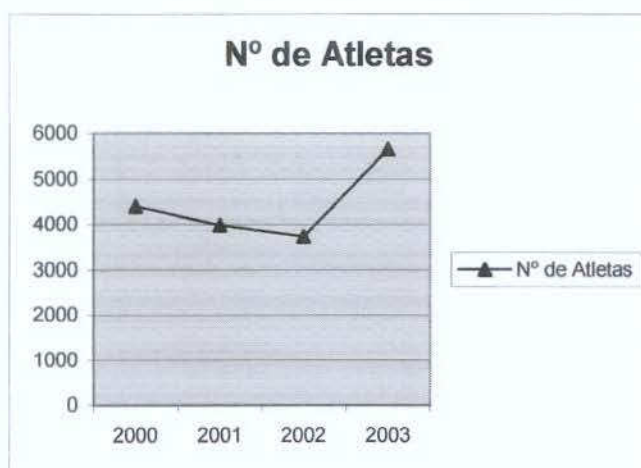


Gráfico 3 – Número de atletas participantes (Liga Campineira de Futebol)

Um dado importante para entendermos a real situação que vive hoje o futebol amador em Campinas é o que compara a quantidade de equipes participantes em Campeonatos realizados no primeiro semestre de cada ano (Gráfico 4) com a quantidade participante em seu segundo semestre (Gráfico 5). Se focarmos as atenções principalmente ao ano de 2003, podemos notar, através dos gráficos, o maior “interesse” pelo primeiro semestre. Fato este explicado pelo motivo das equipes terem que arcar ainda sim com algumas despesas, como transporte de jogadores, alimentação etc., por mais que algumas taxas sejam cobertas pela Prefeitura, o que dificulta a participação dessas equipes nos dois semestres.

Já o que ocorre com o número de equipes participantes especificamente na categoria amadora 1ª Divisão (Série Ouro) (Gráfico 6) é algo explicado pelo fato da Liga Campineira de Futebol estar mantendo o mesmo número de equipes (24) nesta principal Divisão, sendo, no entanto, todas convidadas. Em sua 2ª Divisão (Série Prata) este número chega a 38 equipes, por não haver limite de participantes.⁹

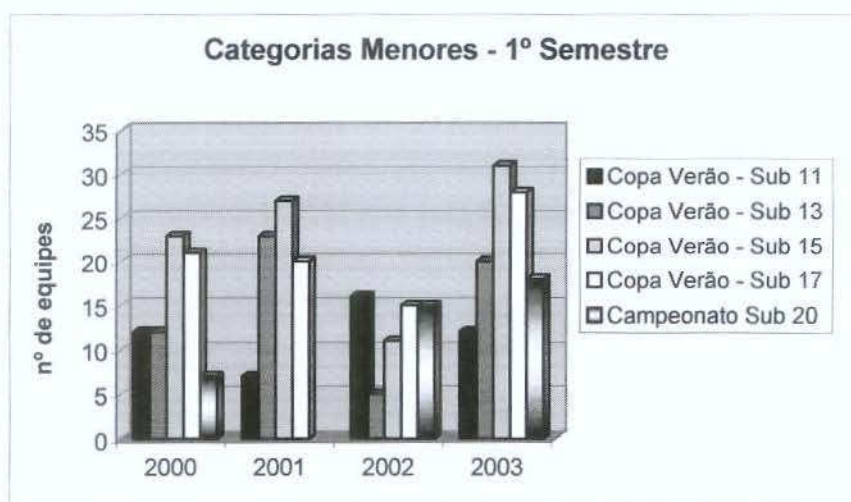


Gráfico 4 – Número de equipes (categorias menores) participantes dos Campeonatos realizados nos primeiros semestres de cada ano.

⁹ Fonte: Liga Campineira de Futebol

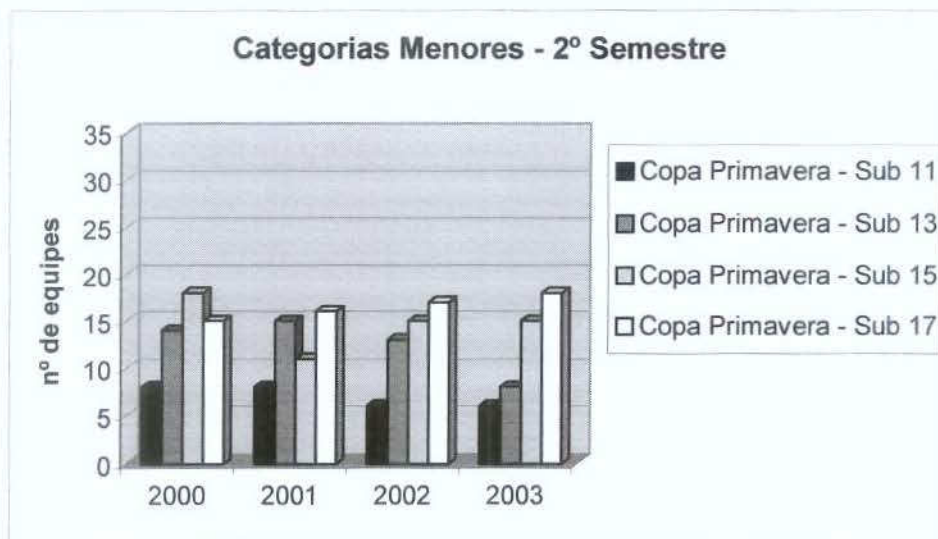


Gráfico 5 – Número de equipes (categorias menores) participantes dos Campeonatos realizados nos segundos semestres de cada ano (Liga Campineira de Futebol).



Gráfico 6 – Número de equipes participantes na categoria amadora em sua 1ª e 2ª divisões¹⁰ (Liga Campineira de Futebol).

¹⁰ No ano de 2003 a organização do Campeonato chamou a 1ª Divisão de Série Ouro, contando somente com equipes convidadas pela Liga Campineira de Futebol. Já à 2ª Divisão deu-se o nome de Série Prata, esta sim aberta à participação de qualquer equipe.

A Liga Independente de Futebol da Região de Campinas (LINFURC)

Em 29 de maio de 1999 surgia em Campinas a Liga Independente de Futebol da Região de Campinas ou simplesmente, como é mais conhecida, a LINFURC, com uma nova proposta para a organização do futebol amador em Campinas. A iniciativa partiu de Ailton Sales Bueno, Ariovaldo Izac e José Carlos da Silva, com a finalidade principal de “difundir o futebol amador com proposta de confraternização e harmonia entre os clubes”. A Linfurc alterou o modelo vigente até então no futebol amador de Campinas ao delegar a representantes de clubes a responsabilidade de co-organizadores das competições e, através da Junta de Justiça Desportiva (JJD), composta por quatro membros integrantes de clubes mais o coordenador geral da Linfurc, criar um modelo de administração mais democrático. A Linfurc já possuiu em sua presidência Ariovaldo Izac e José de Jesus Rodrigues, contando com Eliel Nunes, hoje, como presidente.

No ano de 1999, a Linfurc organizou o primeiro campeonato na categoria master (categoria que conta com jogadores com 40 anos completados), com a participação de doze equipes. Neste mesmo ano foi organizado também o primeiro campeonato na categoria veteranos (acima de 33 anos), com a participação de oito equipes. Com o sucesso do campeonato, o número de participantes da categoria master dobrou no ano seguinte, o que levou à organização de um campeonato na categoria supermaster (45 anos completados). O único ano em que se realizou um campeonato na categoria amadora foi o ano de 2001, porém, de acordo com a própria entidade, a competição não mais se realizou pelo motivo de ser difícil o controle de jogadores nesta categoria, o que evitaria possíveis tumultos nos campeonatos.

No ano de 2003, a Linfurc organizou, até o presente momento, sete campeonatos nas categorias: mirim (sub-13), infantil (sub-15), veteranos, master (o único com 2 campeonatos), supermaster e hipermaster (50 anos completados). No total, foram 82 equipes participantes, com um número aproximado de atletas inscritos por volta de 1640 atletas¹¹.

¹¹ Fonte: Liga Independente de Futebol da Região de Campinas.

REFLEXÕES PERTINENTES AO TEMA

Apesar de ter ocorrido este ano uma parceria entre Prefeitura Municipal de Campinas e a Liga Campineira de Futebol, o que diminuíram alguns gastos para as equipes, o número de equipes participantes ainda é considerado baixo pelo universo de equipes que Campinas possui. Este baixo número pode decorrer de vários fatores, dentre os quais podemos destacar a crise financeira pela qual passa os clubes e o medo da violência que infelizmente ainda assola tanto os bairros da periferia, como os próprios Campeonatos. Estes problemas não são de fácil resolução, pois envolvem algo maior que o próprio “futebol de várzea”.

Porém quem passa, ou já passou alguma vez, aos finais de semana, pelos diversos bairros da periferia de Campinas, com certeza já reparou em aglomerados de pessoas em volta de alambrados ou cercas, sentadas em arquibancadas improvisadas, próximas a bares e botequins, assistindo às partidas válidas pelos diversos Campeonatos organizados pelas Ligas Amadoras da cidade. Os números exatos de jogadores e espectadores são, com certeza, incontáveis, mas devem ser respeitados, pois se trata de uma soma muito significativa.

Espectadores que, ao mesmo tempo, também são torcedores, técnicos, massagistas, roupeiros, patrocinadores, responsáveis pelo churrasco final, ou simplesmente espectadores. Espectadores que tem nesse modelo de espetáculo uma diversão garantida, faça chuva ou faça sol, podendo até para a grande maioria deste público este ser um dos únicos momentos de lazer do final de semana.

Jogadores que esperam ansiosos a semana toda pelas famosas “peladas”, sejam elas num campo improvisado ou em praças de esportes espalhadas pelos bairros periféricos da cidade, sejam elas apenas “peladas” ou válidas por algum campeonato.

Este estudo procurou mostrar a importância deste fenômeno chamado “futebol de várzea” para a cultura popular brasileira. As soluções para todos os problemas levantados são objeto de estudos mais aprofundados tanto da sociedade brasileira e mais especificamente a campineira, como do próprio fenômeno “futebol de várzea” e suas implicações nesta sociedade. Para isso,

esperamos não parar por aqui neste tema que tão bem caracteriza o futebol brasileiro e apaixona a todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAUTO, F. O futebol da cidade não morreu, só mudou de lugar. In: COSTA, Márcia Regina da (et. al.). *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999.
- DAMATTA, R. et al. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakothke, 1982.
- DAOLIO, J. *Cultura Educação Física e Futebol*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- FERREIRA, A B.de H. *Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo, 2000.
- GONÇALVES, J. E. Futebol e Poder: algumas reflexões sobre o jogo da política. In: DIEGUEZ, G. K. (org.) *Esporte e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MELO, V. A. Futebol: que história é essa? In: CARRANO, P.C.R. (org). *Futebol: Paixão e Política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- MENDES, L. *7mil Horas de Futebol*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1999.
- MILAN, B. *O país da bola*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- PIMENTA, C. A. M. *Torcidas Organizadas de Futebol: Violência e auto-afirmação – aspectos da construção das novas relações sociais*. Taubaté: Vogal Editora, 1997.
- PRONI, M. W. *A metamorfose do futebol*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.
- ROSENFELD, A. *Negro, Macumba e Futebol*. (Coleção Debates) São Paulo, Perspectiva/EDUSP/Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- SANTOS, M. A. S. Periferia e várzea um espaço de sociabilidade. In: COSTA, Márcia Regina da (et. al.). *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999.
- SANTOS NETO, J. M. *O Início de Uma Paixão: A fundação e os primeiros anos da Associação Atlética Ponte Preta*. Campinas: Komedi, 2000.
- TACHIZAWA, T; MENDES, G. *Como Fazer uma Monografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- TUBINO, M. *Dimensões Sociais do Esporte*. Rio de Janeiro: Cortês, 1993.
- ZAGO, V. L. O. *Futebol em Campinas: a história e evolução do dérbi campineiro na sociedade e imprensa de Campinas*. Campinas, 2002. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Artes, UNICAMP, 2002.